



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do PAC Saúde**

**Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007**

Eu vou pedir permissão a vocês para passar por cima da nominata, porque eu estou com o presidente de El Salvador me esperando há quase uma hora e nós temos que tratar bem os chefes de Estado que nos procuram.

Mas eu não poderia deixar de agradecer a presença dos governadores, a presença dos senadores e deputados, dos secretários de Saúde municipais e estaduais aqui presentes, dos ministros. Arlindo, normalmente nós costumamos esquecer as conquistas que nós tivemos há um minuto, para começar a cobrar outras coisas que nós queremos conquistar amanhã.

Eu não poderia começar o meu pronunciamento sem agradecer o comportamento da Câmara dos Deputados, quando este assunto foi tratado na Câmara dos Deputados. Fizeram os debates que tinham que fazer, fizeram as discussões que tinham que fazer e, no momento da decisão, fizeram exatamente o que tinham que fazer.

Segundo, eu quero parabenizar o pessoal de área da Saúde. Eu sei, Jatene, que tem muita divergência na área de Saúde, sobretudo com o pessoal sanitário, mas a verdade é que se nós não tivéssemos um agrupamento de pessoas como você, espalhadas pelo território nacional – muitas pessoas sem ter o conhecimento que você tem, e sem ser uma figura pública como você – brigando pela Saúde, certamente a gente não teria chegado nem onde nós chegamos.

Eu me lembro, logo depois que nós aprovamos a Constituição de 1988, a quantidade de críticas que o SUS recebeu. Eu me lembro quantas entrevistas, de pessoas importantes, destruindo o sistema SUS que nós aprovamos. Porque a verdade Jatene, é que num determinado momento da



história deste País, tudo era pensado apenas para 20% ou 30% da sociedade brasileira. A palavra “universalização” não era levada em conta. Apenas uma parte – não sei se os amigos do rei, se os amigos dos presidentes, se os amigos dos governadores, se os amigos dos donos dos hospitais – o que eu sei é que tem uma parte da população que tem acesso a coisas que outra parte não tem. E graças ao SUS, uma parte dessa população – que muitas vezes morria e a única coisa escrita no atestado de óbito era insuficiência cardíaca, porque era quase um padrão, pelo menos na periferia deste País – começou a ter acesso a máquinas importantes. Na mesma máquina que deita o presidente da República para fazer um exame, deita um companheiro pobre, exatamente por causa do SUS.

E depois tem uma discussão, Jatene, que não é bem feita no Brasil. Muitos daqueles que utilizam as máquinas mais sofisticadas e os hospitais mais sofisticados deste País, depois deduzem do Imposto de Renda o que eles pagaram do plano de saúde, que deu o direito a ele de utilizar essa máquina sofisticada. E termina sendo o Estado brasileiro que devolve para ele o que não devolve para os companheiros mais pobres. Esse é o dado verdadeiro.

O segundo dado verdadeiro é que eu não vi, ainda, nenhum pronunciamento dizendo que nós, em dois anos, desoneramos a produção neste País, em 36 bilhões de reais, ou seja, uma CPMF já foi desonerada. O Brasil tem um tipo de gente que adora criticar o Estado quando ele vai bem. Os governadores sabem do que eu estou falando. Se o Estado tem um pouquinho mais de arrecadação e, por conta dessa arrecadação, o Estado pode fazer um pouco mais, aparecem os amigos do rei, que normalmente são os que conseguem audiência, para tentar falar: “Desonera”. Cada vez que você desonera, e é importante a gente ir desonerando, na medida em que mais gente vá pagando, você vai diminuindo a cota pessoal de cada um e aumentando a base da pirâmide, é correto isso, mas é importante lembrar que cada vez que a gente desonera, aparece o déficit da Previdência Social. Cada



vez que a gente desonera, aparece a falta de algum recurso para outra área em que nós precisamos investir. Até porque o ministro Temporão que trabalhou – e eu quero parabenizar a equipe dele, os ministros que contribuíram para apresentar este PAC, que não foi uma coisa fácil, e todos aqueles que colaboraram – esqueceu de dizer uma coisa: tem mais 4 bilhões da Funasa para cuidar, prioritariamente, em cidades que tenham malária e em cidades que tenham doença de Chagas, que são áreas que nós queremos ver se damos um avanço importante.

O que está em discussão neste momento? Primeiro, eu penso que se a proposta do ministro Temporão fosse colocada em votação aqui, seria aprovada por unanimidade ou poderia ter um voto de alguém dizendo “eu vou me abster porque eu quero mais 2 milhões, mais 2 bilhões, porque eu quero mais 1 bilhão”, o que é um fato relevante numa assembléia. Mas, então, não estamos discutindo mais o PAC, que foi aprovado aqui. Agora, temos que entrar na segunda discussão, que é como “financiar a roupa” do Noel Rosa. Este é o dado.

Eu estou convencido de que há tempo de protestar, há tempo de negociar, há tempo de discursar e há tempo de votar. E está chegando o momento de o Senado tomar essa decisão, como a Câmara já tomou. Eu penso que os senadores de todos os partidos políticos deveriam fazer uma reflexão junto com os governadores, afinal de contas o Senado é a casa da Federação, representa os estados, é o que dá uma certa igualdade. Na Federação, temos três senadores representados, sem proporcionalidade. O mesmo estado de São Paulo, com 40 e poucos milhões de habitantes, tem os mesmos três senadores que tem o estado de Roraima ou o estado do Acre. Ali, o Brasil se torna igual. Seria extremamente importante que cada governador conversasse com os senadores do seu estado, e que cada senador conversasse com os governadores para fazer uma reflexão do que representa para cada estado a não-aprovação da CPMF. No modo simplista de pensar, as



peças pensam “vou prejudicar o governo do presidente Lula”. Se fosse assim, eu até recomendaria: na democracia, a oposição tem que contestar. Então, votem contra. Vai me prejudicar, votem contra.

Mas eu estou entre aqueles, Jatene, que podem utilizar as máquinas que o Tião Viana disse que tem na avenida Paulista, porque pago caro um plano de saúde e, quando declaro o meu Imposto de Renda deduzo grande parte do que eu pago. Portanto, eu acho que o Estado brasileiro gasta mais com a classe média que paga, com a classe média alta e com os ricos, do que com os pobres que se valem do SUS. Esse é um dado... Quem será o prejudicado com isso, na verdade? Não é quem mora em um apartamento de cobertura em Recife, Eduardo Campos. É quem mora em Casa Amarela, é quem mora nos grotões deste País, que tem o SUS como única possibilidade de ter acesso a um hospital.

O que está em jogo é exatamente isso, e eu penso que a maturidade, a compreensão... Não sei se votam hoje, se votam amanhã ou se votam depois de amanhã, mas em algum momento os senadores vão ter que apertar o botão, e aí nós vamos ver o resultado. Eu acho que o que deve prevalecer é que o ganhador dessa votação seja o povo brasileiro, que os ganhadores dessa votação sejam os mais humildes. De vez em quando se estabelece no mundo uma discussão que eu não consigo compreender. Esses dias, eu discutia com alguns países da América Latina, e eles se orgulhavam de ter uma carga tributária de apenas 12%, Geddel. A economia daqueles países cresceu 5% ou 6% durante os últimos seis ou sete anos e não tem uma política social, porque não conseguem arrecadar, não conseguem arrecadar para fazer política social.

O que nós precisamos é ter em conta que a CPMF... E quero aqui, aproveitar a sua presença Jatene, não poderia ser outro momento melhor. O Jatene conversou comigo muitas vezes, eu não era nem deputado, eu era apenas presidente de honra do PT. Este homem conversou comigo várias



vezes e eu vim a Brasília para convencer o PT a votar contra a CPMF. Só votou um deputado favorável à CPMF, o Eduardo Jorge. Outros deputados do PT, como Ângela, como José Augusto, todos queriam votar favoráveis, porque eram médicos. E o partido baixou o centralismo.

Como eu não tenho vergonha e muito menos tenho razão para não dizer que eu mudo de posição, por isso é que há muito tempo eu digo que prefiro ser considerado uma metamorfose ambulante, por estar mudando na medida em que as coisas mudam, eu não tenho a dureza do manifesto de um partido comunista ortodoxo, em que tudo já está escrito. Não, tem muita coisa para ser escrita ainda, tem muita coisa para ser lida ainda. Eu aprendi com a minha mãe e passo para os meus filhos, eu digo para os meus filhos: vocês só vão aprender o que é ser pai quando vocês virarem um pai, enquanto vocês são filhos, vocês são oposição. Vocês querem mais dinheiro do que a gente tem para dar, vocês querem chegar em casa mais tarde do que a gente acha que vocês devem chegar, quando a gente nega o dinheiro vocês saem batendo a porta achando que a gente é pão-duro, careta, ultrapassado, que não viaja na Internet. Aí, quando casa e tem filho, na primeira dor de barriga da criança, na primeira bronquite ou na primeira asma, que tem que correr de madrugada para o hospital, ele começa a se tocar: “puxa vida, como o meu pai sofreu para me criar”.

Pois bem, eu precisei chegar à presidência da República para perceber que é muito mais fácil ser oposição do que ser governo. Quando você é oposição, você trabalha com: “eu acho”, “eu penso”, “eu acredito”. Quando você chega ao governo, você não acha, não pensa, não acredita. Você faz ou não faz, você executa ou não executa. Aqui está cheio de governador que está no primeiro mandato, está cheio de gente aqui que foi oposição até ontem e, eles já estão percebendo quantas críticas injustas eu fiz. E é bom que aprendam, porque a vida é assim mesmo, a gente vai aprendendo com o tempo.



E eu duvido que, em sã consciência, tenha algum senador da República que acredite que o Brasil pode prescindir da CPMF. É por isso que eu acho que na hora de votar, eles vão dizer: “Bom, a minha briga com o Lula vai continuar. Amanhã vai continuar, amanhã eu faço um discurso contra ele. Mas, agora, eu tenho que votar como senador, tenho que pensar no interesse do meu estado, o que quer o meu governador quer”. Vamos ser francos, Jatene. Por que a Emenda 29 foi votada com rapidez? É porque 17 estados da Federação não podiam cumprir a Emenda 29. E eu não saí por aí dizendo qual era o estado que não cumpria. E pedi para o Temporão: vamos colocar o mesmo tempo que a gente vai implantar o PAC, para que os governadores possam implantar o cumprimento da Constituição, para que a gente não coloque a corda no pescoço. Os governadores que só aplicavam 6%, 5% ou 7% na Saúde, faziam isso porque queriam ou faziam isso porque já herdaram o governo, do seu antecessor, quebrado e não podiam fazer mais?

Me falaram: “a imprensa está esperando um discurso violento”. Aos 62 anos, eu não tenho mais tempo de ser violento. Eu já sou agradecido a Deus por ter me deixado chegar até aqui. Eu, agora, não acho que é hora de briga, é hora de convencimento, é hora de argumentar, é hora de chamar as pessoas a meditar. Cada governador pode pegar... Qual é o problema? Tem um problema, porque também cada governador sabe que algum dos três senadores é seu potencial oposição daqui a quatro anos, e nem sempre o governador tem um bom diálogo com aquele que é seu oponente daqui a quatro anos. Mas eu acho que cada governador deveria pegar os senadores: “olha, vocês querem votar para prejudicar o governo federal, vocês querem votar para ajudar o estado, vocês querem votar para fazer o quê?”, e conversar.

Eu estou convencido de que, mais importante do que tudo isso que nós estamos discutindo aqui, meus companheiros – e, Jatene, outra vez você tem razão – é o meu amigo Temporão, com o pessoal da Saúde, criar um conselho



gestor envolvendo a sociedade civil para acompanhar o gasto desse dinheiro. Muitas vezes, um bom plano é apresentado, mas depois há muita inflexão e vai se cedendo à pressão, aqui ou ali, e o principal não é executado. Eu tenho dito isso de todos os PACs que nós temos lançado... Só falta um agora, que é o da Política Industrial. Nós estamos esperando votar a CPMF, porque ele tem uma implicação muito grande em desoneração e, dependendo do que aconteça, nós vamos ter que fazer uma inflexão no PAC do desenvolvimento industrial.

Mas eu estou convencido, companheiros, – tenho dito aos meus líderes, tenho dito aos governadores – de que, graças a Deus, nós somos uma democracia, em que as pessoas falam aquilo que querem, e se responsabilizam pelo que falam. Eu tenho dito para todo mundo que sou agradecido ao Congresso Nacional porque, até agora, tivemos problemas, mas as grandes coisas que nós mandamos para o Congresso Nacional – podem ter atrasado uma semana, um mês ou dois meses – foram votadas. Esse crescimento do Brasil não é obra do acaso ou do Presidente. É o resultado de uma combinação de coisas que se sucederam simultaneamente: a relação entre os estados e o governo federal, entre as cidades e o governo federal, a relação entre o Congresso Nacional e o governo federal. Essa autonomia em harmonia é que permitiu que nós chegássemos até aqui.

Eu só espero que todos tenham juízo e não atrapalhem o que o Brasil levou mais de três décadas para conquistar, que é um momento de tranquilidade, que é um momento muito otimista para as próximas décadas. Se a gente brincar, a gente pode fazer o que sempre aconteceu no Brasil: voltar para trás. Se a gente não brincar, a gente consegue fazer este País andar, e andar como jamais ele andou em qualquer outro momento da sua história.

Eu quero terminar, Temporão, reconhecendo a grandiosidade do trabalho. Aquela questão do médico ir à escola... Quando eu tinha dez anos de idade, na Vila Carioca, em São Paulo, que você conhece, uma escola pública tinha médico e tinha dentista. Não é possível que hoje a gente só descubra que



uma criança tem uma deficiência visual quando ela está com 16 ou 17 anos. Não é possível que não possa, na sala de aula, alguém fazer o teste daquela tabelinha com a criança para saber se ela está enxergando, se precisa de um oculista. O que é isso? Menos do que gastar dinheiro, é a gente criar vergonha e cuidar do povo brasileiro com o carinho que ele precisa ser cuidado.

Muito obrigado, Temporão. Muito obrigado, Jatene, e que a sorte nos ajude.